

MENSAGEM DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA
À CONFERÊNCIA DAS REGIÕES ULTRAPERIFÉRICAS DA UE

FUNCHAL, 18 E 19 DE OUTUBRO DE 2018

Os custos físicos da insularidade e de região ultraperiférica impediram-me de vir à Madeira desejar-lhes as boas vindas a Portugal. A todos quantos nos chegam das regiões periféricas e marítimas da União Europeia, espero bem que apreciem devidamente a excecional hospitalidade desta Região Autónoma da Madeira que, quanto mais orgulhosamente madeirense é, mais portuguesa a sentimos.

Queria deixar algumas notas a este importante grupo de políticos experientes, criativos e determinados, que sabem que a política, hoje, mais do que nunca, se faz com os pés assentes no chão e não com metáforas ou figuras de estilo.

Falar em regiões periféricas e marítimas é falar em solidariedade europeia, um dos valores cimeiros da integração europeia. Ora, precisamente o que tende a crescer, neste modismo de vizinhos que parecem querer dividir e fomentar divisões e de chamados populismos que parecem desconhecer os erros de há cem anos, é o egoísmo, o unilateralismo, o isolamento, a falta de solidariedade.

Sem a União Europeia, não há sequer como lutar pela especificidade destas regiões. Logo, neste tempo em que, embora por razões diferentes, os nossos poderosos aliados transatlânticos, os nossos quase tão poderosos vizinhos a Leste e até alguns outros vizinhos, esses menos poderosos, parecem alinhar numa única coligação negativa – a saber, dividir-nos e enfraquecer-nos -, a nossa resposta só pode ser uma: a União Europeia tem de resistir, tem de se fortalecer, é essencial para o equilíbrio mundial.

Com eleições europeias dentro de pouco mais de seis meses e pré-campanha a avançar, deixar para depois dessas eleições a aprovação do quadro Financeiro Plurianual é trocar o relativamente certo pelo muito mais incerto. Na composição do Parlamento Europeu, na investidura do Presidente da Comissão, no compasso de espera até à aprovação e entrada em vigor do novo Quadro Financeiro. E, se isto é essencial para a vida de todos os europeus, não o é menos para as regiões periféricas e marítimas. Saberão, melhor do que eu, o que querem, mas eu estranharia que quisessem adiamentos, indefinições, incertezas dispensáveis.

Há menos de três meses, ouvi, em Salzburgo, o Presidente da República Austríaca citar um jornalista de há um século, que escrevia, na véspera da ascensão de Hitler: “Temos uma magnífica Democracia, só não temos democratas”. E acrescentava o Presidente: “Que se não diga de nós que temos uma magnífica Europa, mas não temos europeístas”.

Se não houver solidariedade, aos mais diversos níveis da União, como haverá para com as vossas regiões?

As regiões periféricas e marítimas, e em particular as ultraperiféricas, são bastiões essenciais da Europa e vivem distâncias, incompreensões, alheamentos, que comportam e implicam custos económicos, sociais, culturais e, sobretudo, humanos.

Para uma União Europeia que se quer forte no mundo, não continuar a apostar nas suas regiões periféricas e marítimas seria, além de um erro e de uma injustiça, um desperdício incompreensível.

Desejo que este vosso encontro seja lúcido, produtivo e corajoso. Porque de encruzilhadas sem decisões estamos todos fartos. E que sirva o futuro das nossas

regiões. Que o mesmo é dizer que sirva o futuro da Europa e dos europeus, na Europa e no Mundo.